



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS
CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA

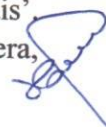
ATA DA 1ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO 3º PERÍODO DA 19ª LEGISLATURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS-PB, PARA DEBATER O TEMA: “ONDE DÓI O AUTISMO NA MINHA FAMÍLIA”, TEMA DA CAMPANHA DA ASPAA PARA O MÊS DE ABRIL, PERÍODO DEDICADO À CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA), REALIZADA NO DIA 27 DE ABRIL DE 2026.

Aos vinte e sete dias do mês de abril do ano dois mil e vinte e seis, com início às dezenove horas, em sua sede, localizada na Rua Horácio Nóbrega, nº 600, no Bairro Bela Vista, nesta cidade, reuniu-se a Câmara Municipal de Patos, sob a presidência da Vereadora Valtide Paulino Santos, secretariada pelo Vereador Rafael Gomes Dantas 1º secretário “Ad hoc”. Compareceram a esta sessão os Vereadores e Vereadoras: David Carneiro Maia (REDE), Francisco Simões de Lucena (REPUBLICANOS), Héber Tiburtino Leite (PROGRESISTAS), Jonatas Kaiky de Oliveira Santana (REPUBLICANOS), Maikon Roberto Minervino (PP), Maria de Fátima Medeiros de Maria (REPUBLICANOS), Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes (REPUBLICANOS), Perla Gadelha Medeiros Lima (REPUBLICANOS), Rafael Gomes Dantas (União Brasil) e Valtide Paulino Santos (REPUBLICANOS), em um total de 10 (dez) Vereadores. Por solicitação da senhora Presidente, os Vereadores João Batista Júnior e Maikon Minervino receberam os seguintes convidados: Wesley Souza – Presidente da ASPAA; Padre Rodrigo Trindade; Sônia Medeiros – Coordenadora de Educação Inclusiva; Sandra de Lourdes – Enfermeira; Valnice Paulino – Diretora e Presidente do Grupo Millenium e Branca de Neve; Rosângela – Coordenadora do CER; Leônidas Dias – Secretário de Saúde. A Senhora Presidente registrou as presenças de Taiane Diniz, representando a Gerente Regional de Educação, Genilúcia Medeiros. A Senhora Presidente declarou aberta a Sessão: “Havendo número regimental, invocando a proteção de DEUS e de Nossa Senhora da Guia, Padroeira de nossa cidade, em nome do povo patoense, declaro iniciados os nossos trabalhos”. Com a palavra, o 1º Secretário “Ad hoc”, após cumprimentar a todos, fez a seguinte leitura: “CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. GABINETE DO VEREADOR RAFAEL POLICIAL. REQUERIMENTO Nº 189/2026 – SOLICITA DA MESA DIRETORA O AGENDAMENTO DE AUDIÊNCIA PÚBLICA DESIGNADA PARA O DIA 27 DE ABRIL ÀS 19 HORAS, COM O TEMA DA CAMPANHA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DE AUTISTAS DE PATOS – ASPAA, COM O TEMA ‘ONDE DÓI O AUTISMO NA MINHA FAMÍLIA’, NO MUNICÍPIO DE PATOS. Na forma regimental, após consultar o plenário, requeiro a Mesa Diretora que seja agendada a Audiência Pública para o dia 27 de abril de 2026, às 19 horas, no âmbito da Câmara Municipal, com o tema da campanha da Associação de Pais e Amigos e Autista de Patos – ASPAA: ‘Onde dói o autismo na minha família, no município de Patos’. Justificativa: Solicita-se a realização da presente Audiência Pública com o objetivo de promover o debate e a conscientização acerca do transtorno do espectro autista, suas implicações nas famílias, na educação, na saúde e nas políticas públicas municipais. A campanha da Associação de Pais e Amigos de Autistas de Patos busca dar visibilidade as

vivências das famílias atípicas, bem como estimular o Poder Público e a sociedade civil a refletirem sobre a inclusão, diagnóstico precoce, acesso a tratamento, apoio psicossocial e garantia de direitos das pessoas com autismo. A Audiência pretende reunir representantes do Poder Público, profissionais da saúde e educação, entidades da sociedade civil, familiares e a comunidade em geral, a fim de discutirem estratégias de apoio concretas que fortaleçam a rede de apoio às pessoas com TEA e suas famílias. Promovendo dignidade, inclusão e justiça social no município de Patos. Sala das Sessões da Câmara Municipal de Patos, Casa Juvenal Lúcio de Sousa, 26 de março de 2026. Rafael Gomes Dantas – Vereador.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna o **Vereador Rafael Gomes Dantas**: Boa noite a todos. Boa noite, Senhora Presidente, em nome da qual eu saúdo os demais Vereadores. Boa noite para Wescley, que aqui representa a ASPAA, a associação, em nome do qual eu saúdo os demais convidados aqui presentes. Saúdo todo o Auditório Dona Milindra, na pessoa de Lucinha da Fibromialgia, que aqui também se encontra, e em nome dela eu quero saudar os demais presentes. E eu quero iniciar aqui pedindo desculpas porque tanto o Secretário de Saúde quanto este vereador estavam em uma reunião antes de vir para cá, e a gente atrasou um pouco. Era para começar sempre pontual, como a Presidente preconiza nesta Casa, mas a gente felizmente teve que sair às pressas e vir para cá, porque aqui o compromisso é mais pontual pra a gente. Então, pessoal, na noite de hoje a gente agradece a presença dos nobres colegas que aprovaram essa propositura para que a gente pudesse trazer o tema relacionado ao autismo. Eu tenho um enteado autista, o João, e a minha convivência com ele é a bastante tempo, e a gente sabe das dificuldades, não só da pessoa com autismo, mas da família, Sônia. Você é educadora, faz parte do dia-a-dia de muitas crianças que precisam desse acompanhamento. Então a gente não poderia deixar de enaltecer esse mês de abril, que é um mês que passa a ser necessário em todo o âmbito do Poder Público para que possamos dar as mãos. E sair também um pouco do papel, porque a gente faz a Audiência Pública, a gente traz para o debate, a gente propõe leis que direcionem alguma garantia de direito para pessoas com autismo e, muitas vezes, a gente vê que fica no papel. Eu posso dar um exemplo aqui, Senhora Presidente, que é a Casa do Autista, que esta Casa esteve presente na Secretária de Estado de Saúde, e que foi dada a palavra que seria aberta no município de Patos, Secretário Leônidas. E eu estava justamente conversando isso com a Presidente, porque acredito que já vai fazer um ano que a gente teve em João Pessoa, e foi dada a palavra, foi dada a garantia que essa Casa do Autista viria para a cidade de Patos. E o intuito dessa cobrança da gente como vereador, como parlamentar, esta Casa esteve em peso na cidade de João Pessoa, e foi justamente por conta das demandas, Wescley, que você sabe muito bem que são demandas que precisam ser atendidas, não tem como esperar. A criança precisa desse acompanhamento e, junto a esse acompanhamento, também o tema que propõe a ASPAA é também um tema bastante qualificado, porque os pais que lidam com a criança com autismo também acabam sofrendo problemas internos, e que não tem nenhum tipo de acompanhamento, a gente sabe disso. Se já é difícil para a questão de o filho autista ter esse acompanhamento, que deveria ter, e eu acho que o Poder Público tem que botar isso além do papel, não adianta ficar só fazendo Audiência Pública, como todo ano tem Audiência Pública, a gente sabe disso, a gente já participou. Mas eu deixo aqui a minha cobrança para o Secretário de Saúde do Estado, para que corra com essa Casa do Autista, já que o modelo traz bastantes possibilidades para o acompanhamento não só da criança, mas também dos pais, que é justamente a proposta que traz esse ano a campanha, através da ASPAA. Mas, para não me alongar muito e dar a palavra a quem realmente tem que falar sobre isso, porque está



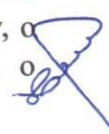
mais inserido no âmbito do autismo, dizer a vocês que contem conosco sempre. Esta Casa está imbuída na questão do autismo desde sempre, até anterior a nossa legislatura, através do Vereador Jameson, que passou nesta Casa, através de outros vereadores, que colocaram; o Vereador Ítalo, que não está aqui presente, mas tem muita lei do Vereador Ítalo com relação a autismo, algumas leis. Então, Wescley, eu deixo aqui a minha disposição para ajudar a associação de vocês no que puder. E dizer que fico feliz em ver esse auditório com tanta representatividade. Agradecer a Sônia, vi aqui que Sônia é uma conhecedora afundo da questão. Estamos à disposição. Obrigado". Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna o senhor **Wescley Souza**, Presidente da ASPAA: "Boa noite a todos. A minha saudação a Presidente Tide Eduardo, Presidente da Câmara, os Vereadores aqui presentes, ao Vereador Rafael, aos Secretários, na pessoa de Rosângela, Sônia, Josilene, que a gente chama de Pretinha, Sandra de Lúcio também. Saudar o Secretário de Saúde, Leônidas, e também todas as famílias autistas aqui, como também profissionais de apoio escolar, escolas, toda a sociedade patoense, como também aqueles que nos assistem por meio dessa live. A Associação de Pais e Amigos de Autistas de Patos trouxe como tema: 'Onde dói o autismo na minha família', no mês de conscientização do autismo, como forma de trazer a realidade vivida pelas famílias que lutam diariamente com o espectro autista, onde não é apenas falar sobre amor que tudo supera, ou crianças especiais que ensinam lições, existem, sim, mas não é só isso. Existe uma dor real, diária, muitas vezes invisível. A dor começa, para muitos, na descoberta; o diagnóstico que chega cercado de dúvidas, medo e inseguranças. Depois vem a dor da comunicação. Muitas famílias convivem com dificuldades de entender o quer o filho sente, quer ou precisa. Imagine amar profundamente alguém e ainda assim não conseguir acessá-lo. Isso fere, confunde e angustia. E aqui eu falo das crises que muitos têm. Há também a dor do preconceito, olhares julgadores em lugares públicos, comentários maldosos, opiniões sem conhecimento. Quando uma criança entra em crise, muitos enxergam falta de educação, mas não enxergam o esforço, o cuidado, a luta diária daquela família. Esse julgamento machuca muito. A outra dor é o cansaço, o autismo exige uma rotina intensa de terapias, adaptações, vigílias constantes, atenção redobrada. Muitas vezes um dos pais abre mão de sua carreira, o tempo para si mesmo desaparece, o desgaste emocional é contínuo. Ainda existe a dor financeira, tratamentos, especialistas, intervenções, tudo isso custa caro. Nem sempre há apoio suficiente do sistema público, e muitas famílias vivem no limite para garantir o mínimo necessário. Mas uma das dores mais silenciosas é o medo do futuro: quem vai cuidar dos nossos filhos quando não estivermos mais aqui? Como será a vida adulta dessa pessoa? Haverá inclusão de verdade? Esse medo não vai embora, ele acompanha cada fase da vida. E existe a solidão, muitas famílias se afastam socialmente, não por escolha, mas por necessidade. Nem todos os ambientes são preparados, nem todas as pessoas compreendem, e pouco a pouco o ciclo social diminui. Falar sobre isso é necessário, falar onde dói o autismo é muito necessário, porque quando a sociedade entende a dor, ela começa a oferecer apoio; quando há consciência, pode haver inclusão de verdade. E talvez a maior verdade seja essa: as famílias não precisam de pena, precisam de compreensão, respeito e suporte, porque atrás de cada diagnóstico existe uma história e existe uma família que luta. E me desculpe, Secretário Leônidas, o que eu vou dizer, mas quisera eu estar aqui nesta tribuna, dizendo: Zeramos a lista de espera do CER; quisera eu dizer: zeramos a lista de espera do CAPS. Quisera eu, Rosângela olhar pra mim e dizer: 'Wescley, nós conseguimos zerar, tirar várias crianças, que estão há anos na lista de espera, precisando de profissionais'. Porque a maior alegria de uma família, é quando um filho é chamado da lista de espera,



quando ele começa com um profissional, nem que seja um, mas é uma felicidade muito grande. A realidade das famílias, hoje, é que elas precisam desse suporte emocional também, porque quem cuida precisa de cuidados, e nada melhor do que uma audiência dessa. Desde já eu agradeço o espaço". Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna o jovem **Ângelo Rafael**: "Eu me chamo Ângelo Rafael Barros Sousa, doze anos de idade, autista, estudante. O autismo dói na falta de profissionais, onde existe longas filas à espera de um tratamento para os filhos, dói na questão dos benefícios como o BPC, onde as famílias precisam se humilhar para conseguir o benefício que é de direito". Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra a senhora Walnice Paulino: Boa noite, Presidente da Câmara Tide Eduardo, minha irmã, muito feliz de estar aqui, em nome da qual eu saúdo a Mesa, e saúdo através da Presidente da ASPAA, todos os demais convidados. Vendo que a plateia é completa de educadores, não poderia deixar, minha colega, que fizemos a pós em autismo juntas, de expressar nossa parte de escola com essa família. Nós somos extensão da família, porque vocês pais deixam os seus filhos nas mãos de educadores, confiando que eles vão ficar bem. Olha a carga que vem sobre a escola. Então nós estamos à parte da família, nós fazemos parte desta família. Wesley, que eu conheci hoje à noite, e sua fala é bem comovente, porque é real. A gente sente a autenticidade da sua fala quando você fala em dor. E eu recebi um texto, e peço desculpas de antemão, que eu estava com uma criança que houve um desencontro de desinformações dos parentes, e não vieram buscar e eu tive trazê-lo. Não iria deixá-lo e não ia permitir que ele fosse sozinho pra casa, jamais. Então eu trouxe, até que a família entendesse que a gente estaria aqui, então ele estava guardado aqui com a gente também. Por isso que eu estava no telefone, peço perdão também a vocês, no início, mas observei muito bem a sua fala. Esse texto que eu recebi aqui é polêmico também, ele é a fonte de análise consolidada com a base em indicações do MEC sobre o censo e estratégia nacional de escolas conectadas de 2024 a 2026. Uma grande surpresa, só 6,01% (seis vírgula um por cento), se eu não me engano, das pessoas estão preparadas pra inclusão. Nós temos noventa e poucos por cento de pessoas que ainda precisam desse preparo. Então como é que se constituem leis, como é que se legisla e não prepara pessoas? Como é que se cai todos os dias na internet leis sobre a defesa dessa criança autista, mas não prepara pessoas pra cuidar dessas crianças? Essa parte humanizada é essencial, porque se eu não me reconheço naquilo que faço, se eu não me encontro naquilo que faço, seja público ou particular, mas se eu não me identifico com a sua criança, o que eu posso fazer de diferencial pra ela? O que você como pai espera que eu faça, se eu não tenho preparo? O que é eu colocar alguém pra cuidar de uma criança que não sabe o que fazer por ela? Você falou muito bem na palavra doer. Dói na família, dói na criança e dói naquela pessoa que quer cuidar do outro, mas, não sabe como. Então, assim, quando nós estávamos estudando, e o maior compromisso da gente, hoje, da rede privada, é buscar sozinhos, pagar especializações, cursos de formações para se identificar com o outro, para ter empatia com o outro, porque isso foi tão bonito na pandemia, mas pouco se vive essa humanização. Você sabe quando uma criança está se batendo e você tem propriedade pra saber porque ela está se batendo? Aí você pode ajudá-lo, concorda? Sabe quando uma criança grita com tanta insistência que dói nos ouvidos dos adultos, aí alguém chegando a ele dando um abraço, sabe que acalenta aquela criança com um abraço? Isso é um diferencial. Não adianta se criar leis todos os dias, se não prepara pessoas, se não instrui pessoas. E se essa pessoa não está pronta pra fazer? Eu digo que a educação é um pertencimento. Quantas pessoas estão na educação que não se reconhecem? Mas por que está lá? Porque não em mercado de trabalho, é porque é uma oportunidade que surgiu.



‘Eu estudei, eu fiz pedagogia’, um exemplo que alguém vai dizer, porque é mais fácil arrumar um emprego. Isso não deveria ser assim, sabe por que, Wescley? Educação é uma entrega, é uma doação de tal forma que não se recebe suficiente para essa entrega, porque essa entrega é de dentro pra fora. É nessa parte humanizada que eu quero estar. Eu digo sempre as pessoas da educação: só fique na educação se você se reconhece como educador, porque você não vai ganhar o suficiente; porque essa criança um dia vai bater em você, um dia ela vai lhe morder, um dia ela vai se jogar no chão, um dia ela agride outra criança, e o cuidador se abraça com ela sem saber o que fazer. Não só basta criar leis, precisamos capacitar pessoas. Mas capacitar pessoas que querem estar. Eu digo sempre que esse pertencimento é a palavra que mais identifica com a educação. Eu não quero estar na educação, eu sou educadora. E fiz uma infinidade de especializações, porque quando uma criança chega em nossa escola, não tem nada a haver de ser uma escola privada, não, qualquer escola que eu estiver, inclusive aqui; eu trouxe uma criança pra aqui. Então é o seguinte, eu tenho que ter aquela criança, na hora que os pais saem, como minha. Os pais saíram, depositaram em minha pessoa a confiança. Então eu digo que a palavra pertencimento em educação é algo da essência do professor. Todo mundo aqui já teve professores, e tem aquelas professoras que você encontra na rua, e você a agarra do mesmo jeito; você bem grandão cheira ela em todo canto, na cabeça, nos braços, parece que a sua mente volta. E têm pessoas que passaram pela sua vida e não ficaram, porque elas estavam ali, mas não tinham esse pertencimento. Então trazendo pra concluir, pra o autismo, o autismo, eu vejo que é uma caixinha mágica, mas quando você tem amor, você descobre o segredo dela, porque ela não pede troca, ela não pede reconhecimento, ela não precisa ir pra redes sociais. Muitas vezes a criança está desorganizada, e você tem uma sensibilidade, às vezes é um colo, é um abraço, às vezes você sai com ela, tira ela daquele ambiente, leva pra outro local, pra que ela se regule. Então eu acredito que essa dor que você sente, a gente convive todos os dias com pessoas que tem essa mesma dor que você tem, mas sabe qual é a nossa missão como educador? Dizer que você não está só, que quem está na plateia não está só. Mas o educador, que é a minha fala para o educador, nós fazemos parte dessa família, nós acolhemos essa criança todos os dias, nós acalmamos essa criança todos os dias, e nós queremos preparar ela pra vida social lá fora. Você disse que a preocupação sua era o futuro da sua criança. A minha preocupação hoje é hoje mesmo, é dizer as pessoas que a gente pode amar essas crianças hoje, e dizer a elas que o mundo real delas é hoje. Amanhã não pertence a ninguém da gente, nem a sua criança, Wescley, e a nenhuma pessoa que está aqui. Então a gente não vai guardar esse amor pra amanhã, essa preocupação pra amanhã, preparar essa criança pra amanhã, tem que preparar ela hoje, pra saber brincar com outra criança, pra ela saber se regular hoje. Ela dizer as pessoas que não está bem, dizer as pessoas que dói, dizer as pessoas que aquele ambiente faz mal. É hoje a minha preocupação com a sua criança e com todas as crianças, é cuidar delas hoje. Muito Obrigado e Deus abençoe a todos!”. Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da tribuna a senhora **Gerúzia Maria Arantes**: “Boa noite a todos. Saúdo a Presidenta Tide, demais Vereadores, meus companheiros da ASPAA. Com muito orgulho estou aqui há pouco tempo, mãe atípica de um menino de oito anos, João Miguel, e pai atípico também Seu Geraldo, e minha mãe Luiza. Em primeiro lugar, destaca-se que o autismo dói quando o mundo ao redor parece confuso e assustador, dificultando a expressão de emoções internas e intensas. O TEA afeta a comunicação e a interação, o que em um ambiente escolar ou de trabalho não adaptado geram ansiedade e sensação de isolamento. Segundo o neurocientista Augusto Cury, o transtorno impacta áreas nobres do desenvolvimento como a socialização e o



aprendizado, exigindo um olhar acolhedor e especializado que muitas vezes é ausente. Além disso, a dor se manifesta através do julgamento e da falta da empatia, a invisibilidade da condição, especialmente em casos de suporte leves, que é no caso o meu filho é, leva a sociedade a desconsiderar o esforço cognitivo e sensorial necessário para atividades cotidianas, gerando críticas e preconceitos. É uma alegria estar aqui e falar sobre o autismo, que muitas vezes, por fazer parte da igreja, aqui eu saúdo o Padre Rodrigo, que me acompanhou tanto quando eu estava gestante, eu não sabia que eu era mãe atípica. E testemunho sim, que me revoltei no início, mas depois, ao passar dos anos, eu vejo que foi e é um privilégio ser mãe atípica, onde hoje eu estudo terapia ocupacional na UNOPAR, justamente pra ajudar ele, daqui a quatro anos está em sala de aula ou até mesmo num consultório, atendendo crianças autistas. Obrigada".

Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da tribuna **Sônia Medeiros**: "Boa noite a todos e a todas. Em dois mil e vinte cinco aqui estive, recém contratada para assumir a Coordenação de Educação Inclusiva. E hoje eu estou aqui, e ouvindo as falas, pensei, vou fazer uma prestação de contas, a gente deve isso. Antes de chegar aqui, a gente deve fazer uma análise do que mudou de dois mil e vinte cinco para dois mil e vinte seis. Então começo aqui cumprimentando a Mesa, a Senhora Presidente da Câmara, Tide Eduardo, senhores Vereadores desta Casa, Secretário Leônidas, a quem saúdo em nome dos demais presentes, mães, pais, familiares e, de forma muito especial, as crianças, os adolescentes e adultos autistas. E me permitam também ter esse olhar atento e respeitoso aos profissionais de apoio que aqui estão. Estes exercem diariamente um papel fundamental na construção de uma educação verdadeiramente inclusiva. Diz-se que quando a gente faz pelos filhos, a gente faz pela família inteira. Quando a gente cuida da criança, a gente cuida de toda família. Hoje, neste mês de abril, quando vivenciamos o Abril Azul, mês de conscientização do autismo, não estamos apenas para falar, mas para reafirmar compromissos, reconhecer avanços e, sobretudo, enfrentar desafios que ainda existem, e muitos. Quando fazemos pelo filho, fazemos também pela família. Falar de autismo é falar de diversidade, de singularidade e de respeito ao tempo e as necessidades de cada pessoa. Mas também é reconhecer que os desafios são reais, estão presentes na escola, na família, na convivência social e, principalmente, na garantia de direitos. É importante dizer com responsabilidade, sem romantismo, que a escola, embora seja um espaço de aprendizagem e acolhimento, por vezes também pode se tornar um ambiente desafiador para ao aluno com TEA. Isso porque alguns fatores do ambiente cotidiano escolar podem funcionar como gatilho para desregulação emocional e sensorial. Ruídos intensos, como barulhos de salas cheias, recreios, eventos, excesso de estímulos visuais e sonoros, mudanças de rotina e até mesmo a dinâmica natural dos alunos não atípicos, que falam se movimentam e interagem de forma espontânea, podendo causar uma sobrecarga sensorial a uma criança autista. E foi a partir destas observações no dia-a-dia das nossas escolas, que identificamos a necessidade de agir de forma concreta. Por isso, realizamos a aquisição e a entrega de quinhentos abafadores de ruídos para todas as crianças que apresentam hipersensibilidade auditiva. Essa não foi uma ação aleatória, mas foi uma resposta direta às demandas mais vivenciadas por nossos alunos. É importante destacar que esses abafadores não foram entregues para uso exclusivo da escola, eles foram entregues para a criança dentro e fora da escola. Esse uso dos abafadores de ruídos é pessoal e intransferível, garantindo conforto e segurança também em outros espaços de suas rotinas. Nos últimos anos, temos tido um crescimento significativo no número de matrículas, Presidente, e nosso maior público é o aluno com TEA. As matrículas de crianças com Transtorno do Espectro Autista em nossa rede municipal, em dois mil e

vinde cinco, nós já tínhamos uma média de trezentos e oitenta e dois profissionais de apoio, e hoje, em dois mil e vinte seis, já contamos com quatrocentos e cinquenta e dois profissionais. Esse aumento não é apenas numérico, ele representa um compromisso ampliado com a inclusão, com o cuidado e com a dignidade de cada criança, deixando seus familiares mais seguros em casa. E junto com esse crescimento, veio a responsabilidade de investir. Em dois mil e vinte cinco avançamos de forma significativa, e dois mil e vinte seis já iniciamos ampliando as salas de Atendimento Educacional Especializado – AEE, com aquisição de computadores, teclados colmeia, materiais sensoriais, mouse com acionador de pressão, tablet e uma diversidade de recursos pedagógicos e multissensoriais. Cada item desses não é apenas um equipamento, é uma ponte para o aprendizado, para autonomia e para a participação dessas crianças, jovens e adultos, porque nós também temos a educação de jovens e adultos com autismo, também acompanhados de profissionais de apoio. E seguimos avançando, já estão em produção os cordões e crachás de identificação para todos os alunos com TEA. Vamos garantir mais segurança, identificação e acolhimento no ambiente escolar e fora dele. Em dois mil e vinte cinco, recebi a visita da equipe da ASPAA, e me vinha uma cobrança, com dois dias, já chegou a comitiva, eu gosto assim, e uma das mães autistas dizia assim: ‘Sônia, eu acho muito errado, porque os profissionais de apoio deveriam ter uma formação antes de começar as aulas’, e as aulas já tinham começado. Eu disse: e agora? Eu anotei na minha agenda, levei a proposta, a secretaria, muito sensível, disse: ‘pense aí, Sônia, no que você vai fazer’. Em dois mil e vinte e cinco nós construímos, e em dois mil e vinte seis já colocamos em prática. E esse ano, em janeiro, essas pessoas queridas que aí estão, um pouquinho delas, já estavam em formação, em férias, projeto formação em férias. Formação em que eles puderam se preparar para chegar em sala de aula com mais segurança, haja vista que a nossa demanda oscila muito, muda muito. Alguns profissionais de apoio fizeram Pedagogia, fizeram concurso, passaram em concurso, outros foram para sala de aula, e a gente tem que fazer essa substituição de imediato. Mas nenhum investimento estrutural substitui o investimento humano, por isso a gestão municipal tem priorizado formação continuada dos cuidadores e de toda rede de ensino, porque inclusão não se faz apenas com recursos, se faz com conhecimento, sensibilidade e preparo. Em janeiro, realizamos o projeto ‘formação em férias’, preparamos nossos profissionais antes mesmo do início do ano letivo. E agora, no mês de abril, demos continuidade com a formação em rede, envolvendo não apenas os profissionais de apoio, os cuidadores, mas também professores, coordenadores e diretores, porque inclusão é responsabilidade de todos. Estamos também fazendo valer o Decreto 12.773/2025, que estabelece critérios importantes para atuação do profissional de apoio escolar. O Decreto exige que o profissional de apoio escolar tenha, no mínimo, o ensino médio, mas que tenha uma formação específica para profissional de apoio, com cento e oitenta horas. Isso garante mais qualidade no atendimento e mais segurança para as nossas crianças, adolescentes e adultos. O Decreto diz que todo profissional de apoio tem que ter a formação de cento e oitenta horas. E os profissionais, que ainda não tem, estão concluindo agora no mês de junho. Encerrando, reafirmo aqui o compromisso da Secretária Municipal de Educação, do Gestor Municipal e do Núcleo de Inclusão com uma educação que acolhe, respeita e transforma. Seguiremos trabalhando para que nenhuma criança fique fora da escola, para que cada estudante seja visto em sua totalidade e para que a inclusão deixe de ser um desafio se torne cada vez mais uma realidade consolidada em nosso município, porque acreditamos que a escola é boa quando é para todos. Muito obrigada”. Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da tribuna **Padre Rodrigo**



Trindade: “Boa noite a todos. Senhora Presidente, Senhores Vereadores, a todos aqui presentes. Eu quero cumprimentar de maneira especial a Professora Valnice. Ela não lembra, mas ela foi minha professora. Eu estou com quarenta anos, então deve fazer mais de trinta, mas parece que o tempo passou pra mim, e não passou pra ela, porque está bem jovial. Eu quase não a reconheci, bom revê-la. Está difícil ficar aqui hoje, eu tive muito receio de vir aqui. Eu falo sobre Jesus, eu não falo sobre mim, por isso o receio, porque eu não me sinto ainda totalmente à vontade para falar sobre o autismo na minha vida. E vir aqui, que é a primeira vez que eu faço isso de maneira abertamente, pública, eu nunca fiz isso nem na igreja, nem na paróquia, nem no clero, e estou fazendo na Tribuna mais importante da cidade, não sei se foi bom começar por aqui, mas, enfim, aqui estamos. Saber que enfrentar depois o julgamento, certamente a invalidação: ‘imagina, como assim, o senhor é autista? O senhor fala pra tanta gente, o senhor coordena paróquias e pastorais, atende pessoas? É verdade. Depois de dois anos de terapia, a psicóloga suspeitou, aí encaminhou para o neuropsicólogo, que aí foram uma bateria de testes, dez sessões, em João Pessoa. Eu tendo que sair daqui e ele só podia atender nas quintas-feiras, e eu tenho missa nas quintas-feiras. Eu tinha que ir de madrugada, pra voltar a tempo de celebrar, porque eu queria muito entender a suspeita que ela levantou. E muitos testes, muitas sessões muito cansaço, depois, ele me entrega um laudo, que eu não aceitei. Eu fui querendo que não fosse. Daí a levar à uma psiquiatra que assine o laudo, depois a gente tem que aguentar um doutor dizer que se vai atrás de regalias e benesses, atrás de laudo fácil, machuca isso, não é. Eu tive ainda receio de vir aqui, porque eu fiquei com medo de transmitir uma imagem positiva demais, de tal forma que se pensasse: ‘ah, se dá até pra ser um padre, aguentar tudo o que os padres aguentam, então não deve ser isso tudo’. Eu tive esse receio de passar uma imagem positiva demais, mas também eu tive o receio de passar uma imagem negativa demais, a tal ponto de dizer: Nossa Senhora, como sofre realmente, quer dizer que meu filho, meu amigo, meu conhecido autista, vai enfrentar as coisas que esse Padre enfrentou. E é que eu nem estou contando e não vou contar, porque acho que não vale a pena e nem temos tempo de falar de todos os dramas. Eu não quero me alongar, eu quero apenas partilhar duas ou três descobertas que eu fiz. Primeiro, é que realmente não existe autismo leve. Por trás de quem aparentemente dá conta de tudo, existe muita dor. A invalidação de um diagnóstico por seus amigos, por seus familiares por seus irmãos de vocação, sem contar a invalidação da sociedade. Imagina se eu chego hoje e, às vezes, eu chego com o crachá, e peço pra ter preferência numa fila, seja porque me conhece: ‘o Padre está passando na frente, agora os padres têm prioridades, é? Não, padre não tem prioridade em coisa nenhuma. Eu tenho outra prioridade, enfrentar essa invalidação é terrível, forçar-se a caber nos padrões considerados normais, exige uma energia que, no final do dia, é terrível. Eu sei que hoje, Presidente, por estar aqui, eu vou dormir muito tarde. E não é porque estou morando em outra cidade. Eu falo para uma multidão de gente na minha área de conforto, no meu altar, no me ambão, mas falar aqui, ficar aqui, expor-me dessa maneira, e ainda a viagem de volta, agora já me conheço razoavelmente bem, pelo menos eu não vou me desesperar, lá pelas as duas horas da manhã. Eu vou dizer: é isso mesmo. Pelo menos esse conforto, se é que posso chamar de conforto, eu sei porque o sono não estar chegado. E não tem remédio que ajude isso. Já que falei em remédio, deixe eu contar uma parênteses. Quantas vezes, Senhor Deus, eu fui comprar uma medicação nas farmácias de Patos, e eu fui jugado pela pessoa que atendeu: ‘Como assim, Padre, uma receita azul?’. Eu disse: isso é só uma cor, eu preciso disso pra dormir, eu preciso disso pra viver. Você vai me julgar? Agora vocês acham que eu conseguia dizer nada disso? Eu fui embora com a minha

receita, porque a pessoa me julgou. A pessoa julgou a mim, a minha pessoa física, e julgou o religioso. Como se padre não tivesse doença, como se padre não pudesse ter alguma deficiência. E aqui eu fecho o parêntese. Então não existe autismo leve, é sempre severo; todo autismo é severo. O pouco que eu tenho conhecido nesses três anos, desde o diagnóstico, é que todo autismo é severo. Eu olho para os meus irmãos de espectro, que precisam de bem mais suporte do que eu, e penso: é difícil pra eles, é difícil pra eles, é severo pra eles, mas tem uma coisa que eles não enfrentam, eles não precisam justificar que são autistas. Eu tenho que justificar pra poder ser aceito. Então existe uma severidade nisso. Eu olho pra os meus irmãos do espectro, que são não verbais, e eu penso nas vezes que eu não conseguir falar, como dessa vez, que eu não consegui dizer um desaforo com um funcionário da farmácia; naquele momento eu fui não verbal. Por isso eu digo que todo autista tem algum nível de não verbalidade, um silêncio involuntário. Se a luz estiver forte demais, e coroinha traz o ritual de cabeça pra baixo, eu não consigo dizer pra o menino: Vire esse livro, que não estou vendo, eu vou tentar ler de cabeça pra baixo. Só pra dar um exemplo bobo de não verbalidade. Então todo autismo é severo, e não existe autismo leve. Eu quero agradecer a vocês pelo convite, e aqui pedir desculpas a algumas pessoas que já me convidaram muitas vezes pra outros eventos, e eu sempre receoso, nunca fui. Não é que não tinha agenda, é que não eu conseguia vim. Mas hoje estamos aqui. E eu quero terminar dizendo duas coisas: as crianças na Missa me incomodam muito, muito, muito, muito. Eu nunca dei uma bronca em nenhuma, porque lembro do que mãe conta de como eu era nas celebrações. Embora que mãe nem me levava muito, sabe Deus porque, não é? Minha avó é que me levava. Eu olho pra aquelas crianças, e na minha paróquia nós conhecemos algumas que são autistas, e eu penso: eu sei que a Missa, e assim como o mundo, não foi feita pra elas, o mundo não foi feito para os autistas; o mundo foi feito para os neuróticos. A missa também não. Mas se o mundo muitas vezes não compreende, não ajuda, não dar suporte, aqui na minha Missa eu não posso muita coisa, mas também brigar eu não vou não. E eu digo as mães, aos pais: gente, deixa, se quebrar alguma coisa vocês aumentam o dízimo. Nunca nenhuma quebrou nada. Eu gosto de usar umas lamparinas, e quem quebrou duas lamparinas foi gente adulta, não foi criança. Então eu deixo livre, porque já basta o mundo, que eu sei que não acolhe, então eu vou acolher. Acolher, pelo o menos deixando viver. Deixa, deixa. Me atrapalha? Me atrapalha, mas também eu atrapalhei na minha infância. No meu batizado, mãe disse que só me conseguiram me segurar na hora de jogar a água, passei a celebração correndo. Por fim, eu quero cumprimentar a associação dos pais e amigos dos autistas, e dizer que espero um dia estar aqui, quando Ângelo crescer, quando João Miguel crescer, quando tantos outros crescerem, pra gente ter a associação dos autistas de Patos e Região, por que eles crescem e eles vão continuar autistas. Eu não vou crescer mais, mas vou continuar autista. E eles vão ter sua independência com o suporte que têm hoje, com a ajuda que têm hoje, que eu não tive, mas Deus deu os pulos dele, e um dia, paralelo aos pais e aos amigos, nós seremos filhos e amigos que vamos ter a nossa própria associação para nos ajudar, para sermos ajudados. É isso. Muito obrigado".

Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna a **Vereadora Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes**: "Excelentíssima senhora Presidente, Vereadora Tide Eduardo, na sua pessoa eu quero cumprimentar a todos parlamentares desta Casa, cumprimentar de forma muito especial o Vereador Rafael. E desde já, parabenizá-lo pela a iniciativa desta audiência, Rafael, que tenho certeza que não será mais uma, mas será a audiência. Eu costumo dizer que nós não aqui nesta Casa audiência que se repetem. Muito pelo o contrário, os temas se repetem, mas a cada audiência que nós temos, eu tenho certeza que

vêm avanços. Muitas vezes a gente pode não conseguir fazer aqui o que foi feito por Sônia, essa prestação de contas belíssima que ela fez, por parte da educação, eu não tenho dúvida que o secretário de saúde também aqui fará, porque a gente sabe que o município de Patos tem avançado muito. Não tem avançado ainda na proporção que desejamos, porque infelizmente nós estávamos preparados para esse número de diagnósticos que a gente tem recebido, a sociedade toda foi pega de surpresa. Quero cumprimentar aqui a todos os trabalhadores de saúde, nas pessoas das minhas amigas doutora Rosângela, fisioterapeuta, responsável pelo CER; Sanda de Lourdes, eterna amiga e professora, aprendo muito com Sandra, que é uma referência na saúde mental no nosso município. Cumprimentar Valnece, e na pessoa dela todas as escolas privadas aqui se encontram. Quero cumprimentar as mães atípicas que aqui se encontram, as pessoas que têm o diagnóstico de autista, assim como o Padre Rodrigo, que aqui deixou sua mensagem, uma importante mensagem. E quero aqui deixar o meu respeito ao Padre Rodrigue, e parabeniza-lo pela iniciativa grandiosa que teve essa noite, na tribuna da Câmara Municipal, por que a gente sabe que aqui é a casa do povo. E como o senhor, eu tenho certeza que muita gente tem vontade falar sobre isso, e talvez através de sua fala, pelo o respeito que lhe têm, essas pessoas agora se sintam encorajadas de vir, de falar e até de pedir ajuda, porque a gente sabe que muitos se sentem sozinhos. Quero de forma muito especial, cumprimentar também a imprensa, que faz esse papel tão importante, Célio Martinez, esse amigo, Flávio também que estar aqui, Mário Frade, Adilton, muito obrigado pela presença de vocês. E a nossa fala nesta noite, está inicialmente focada em pessoas que diariamente dedicam seus cuidados ou seu carinho, a sua atenção, a pessoas que recebem esse tão forte diagnóstico, que é o autismo. Então eu quero aqui inicialmente cumprimentar os cuidadores do nosso município, esses profissionais que estão aqui, vocês merecem uma salva de palmas. Sempre que posso, eu faço isso. E aqui agradeço a Sônia por cuidar de vocês com tanto carinho, porque vocês têm uma grande responsabilidade em mãos, que é cuidar do maior amor de uma família ou do maior amor de uma mãe. Eu não sou mãe, não tive esse privilégio, mas reconhecendo a minha missão nesse mundo, eu sou família acolhedora, e tenho um bebê de dois anos e quatro meses, que está comigo há dezenove meses. E hoje se você me perguntar qual é o maior desafio, é quando saio de casa pra trabalhar e preciso deixar o meu bebê, porque me insegura, eu me sinto temerosa em saber como essa pessoa vai cuidar do meu bebê. E Valnice sabe disso, porque ela já me ajudou nessa missão. O meu bebê estuda em escola integral, mas eu ligo o tempo todo, porque, como ele está estudando há pouco tempo, eu ainda não me sinto segura. E eu peço desculpas, e não me sinto segura, porque a gente que cuida de alguém que a gente ama, principalmente uma mãe, eu não sou mãe, mas tenho certeza que o amor de mãe é maior do amor do que eu sinto, então se esse amor é maior do que o amor que eu sinto, eu não sei definir esse amor, porque o amor que eu sinto é muito grande. Eu amo muito o meu bebê, eu cuido muito dele, e tenho muito medo de quando ele fica sem mim. Então eu tenho certeza que é isso, ou além disso, o que as mães atípicas sentem quando deixam seus filhos. E nessa oportunidade, eu quero cumprimentar a minha amiga Dacilene, que é enfermeira, técnica em enfermagem e assistente social, que estar com seu filho. E dizer, Dacilene, que imagino você, como mãe atípica, o quanto é desafiador pra você cuidar do seu filho e quando você precisa ficar longe dele. Então, por isso que eu parabenizo a todos os cuidadores do nosso município, que desempenham esse papel tão essencial de cuidar com carinho, porque tem criança que ama demais o seu cuidador, que, às vezes, a mãe chega pra pegar, e já tenho relatos, que ele abraça o cuidador, porque se pudesse levava pra casa. Então isso é conquista, isso é doação. Então os nossos cuidadores merecem todo

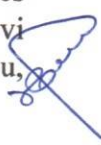


respeito da nossa cidade. E dizer que ano passado, logo após o Abril Azul, o Prefeito Nabor Wanderley, gestor público pelo qual eu tenho todo respeito, sancionou uma lei, de nossa autoria, que institui o programa de apoio a mães atípicas do município de Patos. E por que isso? Porque a gente sabe, como eu dizia agora há pouco, que a sociedade não estava preparada para receber esse número de diagnósticos. Mas as mães, parece que elas nascem prontas, e elas conseguem se reinventar diante dos desafios. E a mãe não passa por nenhum curso, mas elas conseguem cuidar de seus filhos com muita maestria, com muita sabedoria. Por isso que eu digo que ser mãe, além de um privilégio, é algo desafiador. Mas a gente não pode esquecer que, como fala aqui: 'Onde dói o autismo na minha família', essa dor é muito intensa nas mães, porque elas sofrem quando têm dificuldade no diagnóstico; ela sofre quando têm dificuldade no acesso no serviço de saúde, quando têm dificuldade na educação inclusiva; ela sofre quando seu filho é discriminado. E recentemente viralizou um vídeo em nosso país de uma mãe atípica, que eu acho que todo mundo aqui viu esse vídeo, eu não vou citar o nome dela, onde uma mãe, através de sua fala, pedia socorro. E muita gente olhava aquele vídeo, e estava rindo do vídeo, da forma como ela falava, mas cada um tem sua forma de pedir socorro. E aquela mãe, na sua fala, ela estava pedindo socorro. Quem conseguiu assistir aquele vídeo e não sentir a dor daquela mãe, porque muitas vezes as pessoas só aparecem para dizer que vão denunciar o Conselho, a própria família para dizer que vai denunciar, mas dificilmente chega um parente e diz assim: 'O que é que está faltando para vocês? Onde é que eu posso ajudar?'. Uma mãe que vive apenas de uma bolsa família, e a gente sabe que a medicação, existe pelo SUS? Sim! Mas às vezes não é toda mãe que tem acesso, e ela tem muita dificuldade em receber essa medicação. E ela é cara, alguns medicamentos custam caro. E essa mãe falava dos desafios que passava, ela dizia que não tinha dinheiro para cortar um cabelo, para arrumar o cabelo, para comprar comida; não tinha com quem deixar a criança, porque também ela cansa, é um ser humano que precisa ser cuidado. Muita gente via aquele vídeo e ficava rindo, e realmente viralizou. Sabe por que viralizou? Porque as pessoas achavam engraçado. Talvez não tenha viralizado pela necessidade daquela mãe. E aquela mãe, sem muito estudo, disse muitas verdades. Se a gente pegar aquele vídeo, a gente vai ver o tanto de verdades que aquela mãe disse. Como médica, e não como política agora, porque a gente estuda os transtornos e os espectros, eu consegui ver naquela mãe que me procura no PSF, para conversar comigo, e que muitas vezes a conversa dela comigo fica ali dentro do consultório, mas a gente sabe que nós trabalhadores da saúde, profissionais de saúde, vivencia aquilo todos os dias, de mães que pedem socorro, e que muitas vezes não são cuidadas. Eu falava com o secretário Leônidas, e ele sabe que eu não preciso estar enaltecendo o trabalho dele, até porque, como profissional da saúde, eu só devo elogios ao que merece, mas ele sabe do respeito que tenho à gestão de Leônidas, considero uma gestão extremamente resolutive e que presta contas. Eu conversava com ele, que me dizia: 'Vereadora Nadir, no CAPS Infantil já existe um trabalho de acompanhamento às mães'. E aqui eu parabeno a equipe do CAPS por esse trabalho, porque as mães precisam muito desse acompanhamento. Antes de vir para esta Audiência, eu tive o cuidado de falar com a deputada Francisca Motta, com a Dra. Olívia Mota, que é médica, de conversar com elas em relação à Casa do Autista. Eu não sei se eu sou a melhor pessoa para dizer isso a vocês, mas eu tenho notícias de que a casa já vai ser inaugurada, provavelmente nesses dois meses. E isso é uma grande conquista para Patos, e isso é um merecimento que vocês, não só os filhos de vocês, mas especialmente as mães atípicas têm. Eu quero aqui reconhecer também, não só a evolução que o nosso município tem em relação à educação, porque Valnice sabe a dificuldade que

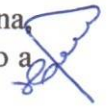


é receber uma criança autista nas escolas privadas, não é isso, Valnice? E o município de Patos, logo que a criança chega com o laudo, rapidamente já é providenciado um profissional para lhe prestar essa assistência. Isso é muito bom para a gente, saber que assistência chega. Então, reconhecer não apenas o trabalho da educação, Sônia, que vocês, através da nossa secretária Adriana, uma secretária extremamente competente, faz, mas também o trabalho da saúde, porque a gente sabe que hoje acesso a um fonoaudiólogo, a um TO, não é fácil, é muito difícil. E o desafio maior que a secretaria tem, é porque não tem profissional. E eu digo isso a vocês, porque eu trabalho também no serviço privado, e hoje nós temos uma profissional que trabalha comigo, fonoaudióloga, que vai precisar tirar férias, e não tem ninguém para colocar no lugar dela. Ela está com dificuldade de tirar férias porque não tem o profissional. Como eu digo a vocês, por quê? Porque a sociedade não estava preparada. Antigamente, a assistência focava muito no médico. Acabou, não existe mais isso. Hoje a equipe multiprofissional, graça a Deus, porque cada assume sua responsabilidade. E com isso, a gente tem uma resposta terapêutica muito melhor, porque cada um faz o seu papel. Eu quero aqui hoje dizer a vocês que nós temos uma lei em Patos que visa esse cuidado voltado a mãe atípica e, na oportunidade, eu trouxe quatro cópias dessa lei, eu quero ter o privilégio de entregar essa lei tanto à Secretaria de Educação, quanto à Secretaria de Saúde, ao Presidente Wescley, presidente da ASPAA, bem como uma mãe atípica, para que a gente possa de fato divulgar essa lei, para que ela seja implementada. Se existe esse trabalho no CAPS Infantil, que ele exista em outros serviços, porque a gente sabe que, assim como a criança, às vezes, tem uma certa dificuldade no acesso, e eu tenho certeza que cada dia o nosso município vai evoluir mais, Leônidas, e melhor, apesar de sermos uma referência já. Eu digo isso, uma referência Leônidas, porque quando eu estava terminando o curso de medicina, eu passei por outros municípios, e eu via a dificuldade que as pessoas passam. Então eu não posso vir a esta tribuna e elevar críticas a algo que não merece, eu preciso aqui reconhecer a nossa evolução, reconhecer os nossos desafios, e me colocar à disposição, seja como médica, seja como parlamentar, porque só vai acontecer se nós dermos as mãos. Só vai acontecer quando a gente vem aqui e fala dos desafios. Quando o Padre Rodrigo, com a sabedoria que tem, e o respeito que tem na cidade de Patos, fala do seu desafio, porque até então a gente traçava como o espectro nível de suporte I, II e II, e como ele disse, não existe nível leve. E sabe porque ele disse isso aqui? Quem disse isso aqui não foi um médico, quem disse isso aqui foi quem sente na pele, é quem passa todos os dias pelo desafio do diagnóstico, por conviver todos os dias, não é verdade, minha gente? Ninguém pode falar, eu não estou aqui para falar como médica, eu estou aqui para falar como parlamentar, como médica e aprender com vocês, que todos os dias vivenciam essa realidade. Muito obrigada. Parabéns a vocês! Estamos juntos nessa luta, e eu tenho certeza que já avançamos, mas, a partir de hoje, iremos avançar muito mais. Muito obrigada".

Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Vereadora Parla Gadelha**: "Eu queria cumprimentar a Presidente, a Vereadora Tide Eduardo, todos os vereadores aqui presentes, secretário de saúde, Leônidas, Sônia. Cumprimentar todos os cuidadores que estão aqui, que nós sabemos que é um importante trabalho que desempenham nas escolas. Sabemos que não é fácil esse trabalho; já vi pessoas recusarem ser cuidadores, com medo, segundo ela, o tipo de criança que ia receber. É um trabalho importantíssimo que deles dependem também o aprendizado dessa criança, como eles vão ficar na escola, se vão ser aceitos ou não; tudo depende de cuidador. Eu já vi cuidadores também que, de certa forma, beliscava criança autista, e experiente. Como já vi cuidadores que desempenham esse papel tão brilhante, como a Vereadora Nadir falou,



que, às vezes é até melhor do que os pais, são mais preparados. Os pais às vezes não são preparados, tem aquele estresse cotidiano, e desempenham um papel tão importante que a criança estabelece um vínculo muito forte com o cuidador. Então, realmente é um trabalho muito importante, muito significativo e que faz toda a diferença na criança na escola e também em casa, porque o estresse que a criança tem na escola ou não, também leva isso para casa, e facilita até o trabalho das mães em casa. É um trabalho muito importante. Cumprimentar o Padre, e em seu nome cumprimentar todos os autistas aqui presentes. Ele diz que é nível I de suporte, eu tenho uma sobrinha nível I de suporte, que não é um autismo leve, como eles falam, como muitas pessoas falam: 'Ah, um autismo leve', mas esse nível I de suporte faz muita diferença na vida dessa pessoa, no cotidiano. Às vezes tem bom aprendizado, mas tem dificuldade de se relacionar com outras pessoas, tem dificuldade de falar, tem várias dificuldades que atrapalham a sua vida na sociedade. Então sofre, são pessoas que sofrem, mesmo tendo um bom aprendizado ou não, mesmo só sendo nível I de suporte ou autismo leve, mas são pessoas que sofrem com autismo. Então são pessoas que tem que serem vistas com o mesmo olhar que se vê um nível mais elevado com autismo, porque autismo não tem cara. A gente não pode dizer para uma pessoa: 'Ah, você não autista, porque você não cara de autista'. 'Meu filho é autista', 'mas ele nem parece que autista'. Muitas mães me relatam que sofrem isso. As mães sabem o que sofrem, as crianças sabem o que sofrem, os adultos que descobrem o autismo na fase adulta sabem o que sofreram, e o que passaram durante sua fase infantil, sem saber às vezes que era por causa do autismo. Eu tenho uma prima que foi diagnosticada autista, já adulta, ela é médica, formou-se em medicina, mas só ela sabe o que ela passou para chegar a se formar como médica; o sofrimento, e sem entender exatamente o que ela tinha, por falta de conhecimento próprio da sua doença, porque era um autismo estágio, como falam, autismo leve. Mas não é, é nível I de suporte. Mas ela sofreu sem entender o que se passava com ela. Então ela precisou ter esse diagnóstico para hoje em dia ela saber e poder trabalhar o que mais sofria na vida dela. Então, hoje realmente é um tema muito importante, é um tema que antigamente se viam poucos autistas, mas hoje em dia se vê muito, a gente vê nas salas de aulas o número de autistas que aumentou, ou que pelo menos foram diagnosticados. Muitos não eram diagnosticados, por isso se achava que tinham poucos autistas, e hoje em dia não é assim. É um tema que precisa da nossa atenção, precisa da nossa compreensão, e precisa principalmente da nossa empatia. O transtorno do espectro autista não é uma doença, é uma forma diferente de ver o mundo, é uma forma diferente de sentir, de interagir com o mundo. E cada pessoa autista tem sua forma única de ser, tem suas habilidades, tem seus desafios, têm seus talentos e tem sua forma própria de se expressar. Muitos não conseguem se expressar, e a gente sabe a dificuldade que isso tem nas famílias, principalmente os autistas não verbais. Como a mãe sofre com essas crianças sem saber entender o que essa criança está sentindo, se está sentindo dor, se está sentindo fome. Então cada autista é de um jeito diferente, tem sua forma diferente de ver o mundo, e nós precisamos respeitar isso e entender isso. Precisamos falar realmente de inclusão, mas inclusão de verdade. Inclusão não é só abrir uma porta de uma escola ou de uma UBS e deixar uma criança, um adulto, um autista entrar. Inclusão é garantir que essas pessoas entrem, que elas sejam respeitadas, os direitos delas respeitados, que essas pessoas permaneçam, porque se sentem bem naquele local, e que elas sejam realmente adaptadas aquele local, seja na escola, como está acontecendo aqui no nosso município, como Sônia falou, com adaptadores, as nossas escolas estão sendo preparadas cada vez mais para receber essas crianças autistas. A secretária Adriana assim como Sônia, tem essa preocupação, sempre tiveram essa preocupação e, pouco a



pouco, nosso município está avançando na forma da educação para receber essas crianças, não é isso Sônia? Tem tido avanços muito grandes, em comparação aos últimos anos, mas precisa melhorar mais? Precisa, nada é cem por cento. Mas a preocupação que se tem, tem aumentado e tem melhorado muito a adaptação dessas crianças. Temos que preparar nossas UBS, preparar cada vez o CAPS, preparar os hospitais, preparar torpedos os ambientes que essas crianças frequentam, que esses adultos frequentam, para poder receber essas pessoas. Isso é inclusão. Inclusão não é só deixar entrar, inclusão não é só deixar que essa pessoa fique ali na escola, brincando com seu joguinho, e esquecer que essa criança existe, só porque não está dando trabalho. Inclusão é orientar essa criança, levar realmente educação para essa criança, para que essa criança aprenda, porque as crianças que são autistas hoje, vão ser adultos amanhã, e nós temos que preparar essas crianças para quando crescerem, serem adultas, possam ser cada vez mais independentes, elas possam arranjar um trabalho, conseguir uma família. Isso é inclusão, por isso que temos que incluir agora, preparar nossas crianças para que elas sejam bem tratadas agora, no presente para que no futuro, elas possam ser independentes e possam fazer parte realmente de uma sociedade, possam ser produtivas na nossa sociedade. Quantas crianças já foram chamadas de mal educadas, como o Padre mesmo falou, seja nas igrejas, seja em uma loja porque estão fazendo birra, e, na verdade, elas estão simplesmente respondendo a um estímulo negativo que elas tiveram. E nós não sabemos acolher isso, não sabemos entender isso, e não sabemos também ajudar as mães com relação a isso. Quantas famílias ainda enfrentam dificuldade para conseguir o diagnóstico. Já vi relatos de famílias que demoraram muito tempo para receber um laudo, porque, através do laudo, eles possam levar para escola e essa criança ter realmente uma assistência melhor. Laudo demora, porque tem que realmente passar por vários profissionais, fônos, psicólogos, e isso demanda um pouco de tempo. Mas isso precisamos melhorar também, para que esses laudos sejam feitos com maior agilidade, para que essas crianças possam realmente ter uma melhor assistência. Quantas mães também temos que ainda não sabe como lidar com as crianças, e sofrem com autismo. A gente não pode romantizar, deixar uma mãe atípica como uma forma romântica, Deus dá força. Deus dá forças, nós sabemos, mas elas sabem o que elas sofrem. Eu sou médica, eu trabalho em PSF, eu já atendi muitas crianças autistas, fiz acompanhamento em muitas crianças autistas, eu sei os relatos que essas mães fazem, o quanto elas sofrem. Elas amam os filhos delas, é lógico que elas amam, não desejariam ter outros, mas sofrem, são terapias, são horas. Tem mães que não podem tirar o olho um minuto do filho, porque o filho pode estar fazendo alguma coisa que possa até prejudicar o físico da criança. Então essas mães tem que ter um olhar melhor para essas mães. A Vereadora Nadir falou, tem no CAPS Infantil, apoio psicológico para as mães atípicas, então é importante incentivar que essas mães também procurem esse apoio. Às vezes as mães nem sabem, mas é importante que as mães procurem esse apoio que o município fornece para que essas mães possam também ajudar. Ajudar também, incentivar, orientar como que elas mesmo vão cuidar os filhos delas, porque muitas vezes as mães não sabem como orientar melhor o filho, cuidar melhor do filho. E aí fica uma bola de neve, a criança estressada, a criança estressada, então vamos aproveitar o que o município fornece, orientando esses apoios que o município fornece, tanto com terapias, com todo o apoio, a Casa do Autismo que vai ser inaugurada. Isso é importante, é importante também toda a família participar disso, e conhecer o que realmente o nosso município oferece, que está cada vez mais evoluindo, cada vez mais crescendo. O CAPS Infantil tem toda uma terapia, fonoaudiólogo, psicólogo, psiquiatra, a disposição de todas as crianças autistas, e também as suas mães. É nosso dever como sociedade e como poder



público, mudar essa realidade. Então podemos falar, temos que falar sobre esse assunto sempre, temos leis que protegem essas crianças autistas, e temos também que lutar que isso tudo seja realmente feito em ação. E é isso o que nosso secretário Leônidas, que está aqui, e nós sabemos o compromisso que ele tem, e que ele sempre teve aqui no nosso município com essas crianças atípicas, que ele vai continuar tendo, e cada vez mais melhorando o atendimento dessas crianças. Investir em políticas públicas, capacitação dos professores, acesso a terapias, e campanhas de conscientização não é um favor que o município está fazendo, é um direito. E esse direito está sendo garantido. E é mais do que isso, é também humanidade. Precisamos aprender com as pessoas autistas, que elas nos ensinam também, como ser sincero. Uma criança autista, uma pessoa autista não sabe mentir, se está boa ou se está bonito, elas são sinceras. Isso também nos ensina sobre foco, sobre sensibilidade, sobre uma forma pura de enxergar o mundo. O respeito começa no olhar, continua na atitude e se concretiza nas ações. Que possamos construir uma sociedade mais justa, mais acolhedora e mais consciente, onde ninguém precisa se encaixar para ser aceito, mas sim seja respeitado como é, porque inclusão de verdade não é sobre mudar o outro, é sobre mudar a forma como nós enxergamos. Muito obrigada a todos. Boa noite. Que Deus abençoe a todos nós!”. Com a palavra o **Vereador Hebert Tiburtino** disse: “Boa noite. Pessoal, eu prometo ser breve. Todos estão cansados né, e querem ir para casa, tiveram um dia de bastante trabalho. Mais aqui eu quero deixar, Presidente, em nome de todas as cuidadoras, saudar todas que estão aqui presentes, duas falas importantes, porque a audiência Pública, para quem está aqui presente, ela serve para coletar informações, e daí a gente procurar melhorias para executar, por parte da Prefeitura, por parte de organismo não governamentais, como a AASPA, e por parte desta Casa Legislativa. E parabenizar o Vereador Rafael pela iniciativa. Mas a minha preocupação é singela porque a lei brasileira de inclusão, conhecida também como Estatuto da Pessoa com Deficiência, em 2026, completou onze anos. E aqui eu quero trazer duas falas que foram emblemáticas na noite de hoje, a fala de Ângelo, que buscou segurança jurídica na busca dos benefícios sociais do governo federal; e a sugestão que eu dou para escolas, e aqui temos a representante das escolas privadas, a professora Valnice, Soninha, representando aqui a secretária de educação, é que tenhamos profissionais da advocacia, na qualidade de advogado que atuo, representando crianças e mães atípicas, sempre na orientação, principalmente porque no INSS, a cada trinta dias, muda as regras de conceder os benefícios. Então a sugestão que eu dou nesta Audiência é que a gente tenha profissionais, sempre que possível, orientando a parte pedagógica, a parte técnica da Secretaria. E aqui finalizar com a frase do Padre Rodrigo, e já tive a oportunidade de assistir suas celebrações, tanto em nossa Senhora Aparecida, como Santo Antônio, esteja jamais presente, Padre Rodrigo, é importante o seu depoimento, o seu testemunho, isso encoraja que outras pessoas possam vir aqui e trazer sua vivência, com essa especialidade. Desde 2002, com o novo Código Civil, a pessoa com deficiência não pode ser mais tratada como uma pessoa à parte. Os mesmos direitos, as mesmas garantias, o ato de incluir, o ato de persistir. O autismo, como eu tenho uma prima que é doutora em psicologia, doutora Gilmar Leite, ela sempre diz que ser autista é persistir. E a frase que eu deixo aqui para vocês é: persistam, não desistam, lutem, porque só assim a sociedade será transformada. Boa noite”. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra **Dr. Leônidas Dias**, secretário de saúde do Município de Patos-PB: “Boa noite. Como eu vou ser o último, eu vou ser mais breve que Hebinho. Saudar a Presidente Tide, e em seu nome saudar todos os vereadores. Agradecer pela oportunidade de aqui hoje estarmos, mas a prestação de contas da secretaria já foi feita até pelos próprios vereadores.



E isso muito nos orgulha. Então por isso que a gente pode sermos mais breves hoje, e falar especificamente desse tema: 'Onde dói o autismo na sua família'. Eu tenho comigo que aonde mais dói, é aonde a gente não pode dizer. Eu tenho comigo que mais dói é não poder dizer aonde mais dói. Eu digo sempre aos meus coordenados: crie casca dura, endureça o casco, que é para você aguentar as pancadas do dia a dia. Mas onde efetivamente dói, a gente não pode dizer. Isso é um dado bem básico de dados extraídos em 2023, 78% (setenta e oito por cento) das mães atípicas são mães solo. Quatro, em cada cinco crianças atípicas, foram abandonadas pelos pais. Então quem somos nós para dizer aonde está doendo nessa criança? Quem somos nós para dizer aonde está doendo nessa mãe? Quem somos nós para podermos ousar a dizer: 'não, mas não tem terapia, não tem CER, não tem CAPS, não tem não sei o quê?'. Essa dor é muito mais profunda. Essa dor é muito mais latente, essa dor é muito mais, muito mais ululante. Então, vou repetir, os dados da secretaria foram aqui repetidos duas ou três vezes, mas são insuficientes. Todos esses dados são insuficientes, porque a gente sabe que ainda existe fila de espera, Wesley; a gente sabe que ainda existe uma melhor qualidade no atendimento. A gente sabe, pegando um adendo da fala da Vereadora Nadir, a Casa do Autista ainda não abriu porque não conseguiu os profissionais. É incrível, mas a Casa do Autista ainda não abriu porque um dos requisitos é que o profissional tenha o curso ABA. E os vereadores aqui estão sabendo junto comigo, ainda não abriu porque não conseguiu os profissionais. Então como dizer que a gente sabe aonde dói o autismo nas famílias? Como dizer que nós fizemos um concurso público, com seis vagas para fono, e seis vagas para TO? Quando saiu o resultado eu me animei, eu disse: agora eu consigo fazer alguma coisa. Dos seis fônos que passaram, cinco assumiram, quatro já eram da rede, a gente ganhou um; dos seis TO que passaram, sabem quantos assumiram? Nenhum. Aí vocês podem dizer: 'mais e o salário?'. A gente dobrou. Foi dobrado, igual a tapioca, quando a gente come. Mas não apareceu, porque o mercado privado ainda é mais atraente. Como o mercado privado já foi mais atraente para a medicina, e hoje não, está todo mundo correndo para o público. Vai chegar o momento que o mercado público vai ser mais atraente para fono, para TO e para profissionais qualificados para atender ao autismo e as neurodivergências. Mas ainda não é. Então não ousemos dizer: aonde dói o autismo, porque se eu fosse começar por mim, eu tenho um filho que faz sete anos que faz terapia, em busca de um diagnóstico, e todo profissional que levo, um diz uma coisa, outro diz outra. Isso é fácil? Não é fácil. E eu não sei o que é pior, estar nessa busca ou já ter o diagnóstico, e não saber tratar com ele, com esse tipo de diagnóstico. Então é muito mais potente, é muito mais latente, é muito mais dolorido do que estarmos aqui, só falando de gestão, de gestão, de gestão, só quem vai saber é quem está passando. Mas trazendo para a gestão, nós lutamos diariamente para melhorar a qualidade do atendimento, não só do autismo, mas de todas as neurodivergências no município de Patos, seja na secretaria de educação, seja na secretaria de saúde, seja na primeira infância, seja nos núcleos de diagnóstico, enfim, seja em todos os enlaces da gestão, mas a dor do autismo dói muito mais aonde a gente se quer pode dizer onde. Boa noite". A Senhora Presidente disse: "Cada Audiência Pública que eu tive o prazer de participar, do autismo, é uma lição de vida. As nossas Audiências são a cara do autismo, cada uma é particularmente diferente. E essa de hoje também é diferente. Já vi mães praticamente chorando por atendimento para o seu filho, mas hoje eu vi que a sociedade não é perfeita, Rodrigo; não é porque você é padre que lá também não pode existir autismo. Porém, a sociedade cobra isso, a perfeição das pessoas. E diferentemente, nós somos únicos, cada um é único dentro da sua personalidade, dentro da sociedade. E cada Audiência do autismo é uma lição de vida a ser seguida. Então, que



esta noite seja também para gente analisar o que podemos fazer a mais pelo próximo, pelo servir. Hoje nós estamos aqui falando em autismo, mas bem próximo da gente pode ter outra pessoa com uma dor também, necessitando de uma palavra, de um carinho, de uma ajuda. Então, que esta noite seja também de reflexão, que o ser humano é único, e perfeição não existe aqui na terra; perfeição, somente Deus. Então que esta noite seja uma noite também de aprendizado, de conhecimento para cada um de nós, que estamos aqui presentes. E agradecer a Rafael, por ser o autor desse ano de 2026. Não havendo nada mais a tratar, agradecendo a presença de todos, a senhora Presidente deu por encerrada a presente Audiência Pública, às vinte horas e quarenta minutos.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS/PB (CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA). EM, 27 DE ABRIL DE 2026.



VALTIDE PAULINO SANTOS
Presidente



RAFAEL GOMES DANTAS
1º Secretário "Ad hoc"